

A Viagem ao Harz, de Heine

[The Harz Journey, by H. Heine]

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-88371881925>

Gabriel Alonso Guimarães¹

Susana Kampff Lages²

HEINE, Heinrich. *Viagem ao Harz*. Trad. Maurício Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora 34, 2014, 144p.

Frei von Mammon will ich schreiten [...] / Bin ich müde vom Studieren, diz Eichendorff no poema *Der wandernde Student* [O estudante andarilho]. “Livre de Mamom quero caminhar,/ estou cansado de estudar”. Eis um resumo, em dois versos e um título, do livro que temos em mão, *Viagem ao Harz*, a estreia de Heinrich Heine na prosa, em tradução de Maurício MENDONÇA CARDOZO. Não qualquer prosa, mas um relato de uma viagem tipicamente alemã: à região montanhosa do Harz.

Se, entretanto, a viagem é típica – Goethe, por exemplo, subiu três vezes ao monte Brocken –, não o é a descrição. O texto de Heine é uma mistura de estilos e gêneros, “é e continuará sendo fragmento”, como sublinha o próprio autor (110). Nas palavras ao amigo Moses Moser, trata-se de um “conjunto de farrapos misturados” [*ein zusammengewürfeltes Lappenwerk*] (carta de 11/01/1825), que, obviamente, coloca em perigo a tarefa do tradutor. Isso percebeu Heine, como mostram seus comentários no “Prefácio à edição francesa”, também incluído no presente volume. Tradutor-alfaiate, que deve enredar novamente “os inúmeros fios coloridos, tramados com tanta beleza” (110) num renovado trabalho de Penélope.

O desafio, de certa forma odisseico, é assumido – mas não pela primeira vez! – por Maurício Mendonça Cardozo. Ao contrário do que informa a “Nota liminar”, os

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Centro de Estudos Gerais, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n- Bloco C sala 314, Campus do Gragoatá, 24210-201, Niterói, RJ, Brasil. Bolsista do CNPq. Email: gaaguimaraes@yahoo.com.br.

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Centro de Estudos Gerais, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n- Bloco C sala 314, Campus do Gragoatá, 24210-201, Niterói, RJ, Brasil. Email: susanaklages@hotmail.com

Reisebilder, coletânea da qual faz parte a *Viagem ao Harz*, não são inéditos em português. A *Harzreise*, por exemplo, já foi traduzida na *Prosa política e filosófica de Heinrich Heine*, organizada por Otto Maria CARPEAUX em 1967. Sem os cinco poemas, entretanto. Antes ainda, um trecho – a chegada de Heine ao Brocken – havia sido publicado nas *Obras primas do conto alemão* (sic), coletânea organizada por Sérgio MILLIET em 1959.

Ainda assim, há que se ressaltar o grande mérito dessa nova edição. Maurício Mendonça Cardozo traduz o texto completo, diretamente do alemão e tomando como base a versão crítica de Düsseldorf. Notas explicativas foram acrescentadas para melhor entendimento do leitor brasileiro, uma vez que muitas são as referências internas ao contexto da época e, principalmente, da vida universitária de Heine. Em pelo menos dois sonhos relatados, por exemplo, Heine faz a caricatura de alguns de seus professores em Göttingen – o que os levou a arranjar uma proibição do livro na cidade e em suas bibliotecas.

É de Göttingen, por sinal, que Heine parte. A cidade, “que deve sua fama às salsichas e à universidade” (22), é deixada em meados de setembro de 1824 e, num período de uma semana, o poeta atravessa, a pé, as cidades da região da Baixa-Saxônia Bovenden, Nörten, Northeim, Osterode, Clausthal e Goslar até chegar aos montes Brocken e Ilsestein, onde termina abruptamente o relato. A viagem, entretanto, continua por mais algumas semanas, inclusive com uma decepcionante visita, em 2 de outubro, a Goethe em Weimar.

Durante o trajeto, chama a atenção do leitor a agudeza do olhar observador de Heine. Abundam, no texto, descrições – na maioria, muito engraçadas – de pessoas comuns ou conhecidas com quem encontra. Pequenos incidentes da vida são transformados em ocasiões para pequenas fisgadas chistosas e irônicas, como, por exemplo, quando vê sair de um arbusto “uma figura de mulher, que exercera ali seu ofício horizontal” (27) com dois cavaleiros, ou quando nota, no catecismo de uma criança de Clausthal, uma “tabuada, que decerto colide gravemente com a doutrina da Santíssima Trindade” (38).

Essa mistura entre linguagem elevada e vulgar, entre elementos sagrados e profanos, essa fina caracterização do irrelevante, essa percepção das pequenas ironias da vida: essa “estética de contrastes”, como é caracterizada pelo crítico Gerhard HÖHN, é a assinatura do texto de Heine. Nesse sentido, o tradutor, por sinal, está atento ao uso

maravilhosamente cômico que o autor faz dos adjetivos. Na taverna de Northeim, por exemplo, são apresentadas duas damas opostas em dimensões bíblicas, e de uma escreve-se que era “uma mulher farta e corpulenta, com um rosto rubicundo de quilômetro e meio quadrado de extensão e covinhas na bochecha que mais pareciam cuspideiras para os deuses do amor” (29). A descrição continua e provoca sorrisos em quem lê. “Esse livro é um teatro de exibição” (14), diz Heine no “Prefácio à edição francesa”, e o autor é um palhaço, que engana as pessoas ao longo do caminho e dá diversão ao leitor.

Mas não só de cenas engraçadas vive o homem! Principalmente, o cidadão moderno. Heine faz questão de lembrar, no mesmo prefácio, que a obra foi escrita sob a “opressão política na Alemanha [que] havia gerado uma condição de mutismo generalizado” (17). E onde há mais silêncio, há mais espaço para ironia. A motivação política, a luta emancipatória contra qualquer forma de opressão, que foi a grande tarefa do século de Heine, já dá seus indícios nesse texto “inocente”, quando, por exemplo, se fala do “significado diplomático do balé” (87). O bailarino Hoguet “pensaria no parlamento, quando, sem sair do lugar, gira mais de cem vezes sobre um só pé” ou “se referiria aos monarcas de pequenos principados, ao dar passos bem pequenos” (87). Essa dimensão política da arte será retomada mais tarde, quando, na *Viagem de Munique a Gênova*, Heine irá interpretar a ópera bufa como o esconderijo das ideias libertárias dos italianos.

Em outros momentos, a investida crítica é mais aberta, o que levou à censura do texto pelas autoridades governamentais na primeira publicação, no periódico berlinense *Der Gesellschafter* em janeiro e fevereiro de 1826. No início do relato, por exemplo, Heine refere-se a dois bedéis da universidade, cuja função era impedir “que alguma ideia nova – como as que, durante décadas, costumam ficar de quarentena às portas de Göttingen – [fosse] contrabandeada pelo afã especulativo de algum jovem professor” (26). Quem escreve, afinal, é um jovem estudante, inquieto por mudanças, e que mais tarde dirá em seu *Conto de inverno*: “O contrabando que viaja comigo,/ Escondi-o em minha cabeça” [*Die Contrebande, die mit mir reist,/ Die hab’ ich im Kopfe stecken*] (nossa tradução).

Essa inquietude talvez explique o trânsito múltiplo entre estilos, essa *Wanderung* que vai além do mapa alemão e se inscreve na própria escrita poética. O “poeta sonhador” (105), como se autointitula, vai da prosa chistosa à crítica política, da poesia

sentimental à reflexão literária. Em um momento reflete sobre “as palavras de Goethe [e como] penetraram na vida do povo” (34), no outro, lamenta a falta de dinheiro como estudante judeu pobre. (Seu tio, o banqueiro Salomon Heine, o sustentou durante a universidade.) *Frei von Mammon*, diz Eichendorff.

Menção especial merece a tradução dos poemas. Com efeito, a tradução dos versos heineanos foi, ao longo de sua história no Brasil, quase sempre um fracasso. Poucos foram os que souberam dar corpo leve às quadras curtas e sonoras do original alemão. Entre esses poucos, encontra-se Maurício Mendonça Cardozo. Os versos de três e quatro acentos surgem em redondilhas maiores, conferindo o necessário tom popular ao sentimentalismo e à atmosfera mágica predominantes. Tal como a bem-amada do *Idílio da montanha*, percebem-se nessa versão os “tais trejeitos de [seus] lábios” (64).

Os *tais* irônicos *trejeitos* não poupam nem a si, nem ao povo alemão. Num momento, Heine critica a obsessão filisteia por classificações, que não poupam nem a poesia das “flores tão amadas por Deus” (p. 102), mas logo em seguida divide ele mesmo, tão pouco poeticamente, as coisas da natureza em “aquilo que se pode comer e aquilo que não se pode comer” (p. 102). Abundam no texto situações como essa – as chamadas *Stimmungsbrechungen* –, em que, após criar uma determinada atmosfera, o autor a rompe com uma quebra irônica. Outro exemplo é a visão do crepúsculo do alto do Brocken, da qual surgiu, provavelmente, a ideia do poema *Das Fräulein steht am Meere*.

O relato volta-se também para uma crítica da própria germanidade. Esse olhar auto-observador, que irá se acentuar mais tarde, por exemplo, na *Escola Romântica* (1836), enxerga a subserviência canina dos mineiros de Clausthal aos poderes monárquicos (cf.: 43), a loucura e a mania de exatidão dos alemães (cf.: 34, 51, 78), e até os seus talentos: “filosofar, fumar tabaco e ter paciência” (84). A origem dos contos de fadas alemães, dos *Märchen*, é colocada, por sua vez, na “vida profundamente contemplativa”, na “relação não mediada do homem com o mundo” (45) de uma casa pobre de um mineiro.

O que, afinal, se pode esperar dessa *Viagem*? Um passeio pela paisagem romântica do Harz, pelo Brocken de Fausto e Mefistófeles, pelos tipos humanos da região. E boas risadas também! Não de um riso qualquer, descontraído e sem compromisso. Diz Heine, no poema LIII do ciclo *Die Heimkehr*, publicado originalmente junto com a *Harzreise*: “[minha boca] talvez falasse uma palavra

zombeteira/ enquanto eu morro de dores” [*Er spräche vielleicht ein höhnisches Wort,/ Während ich sterbe vor Schmerzen*] (nossa tradução). Seu riso é sempre conjugado à maior seriedade: à dor de amor ou à dor pelo povo que sofre. Nesse caso, o povo alemão do período da Restauração.

Espera-se também que essa tradução estimule a retomada da prosa de viagem heineana, um pouco esquecida entre nós. Como mostram, nos últimos anos, as versões poéticas de André VALLIAS, em *Heine, hein?* (2011), e de Romero FREITAS e Georg WINK, em *Alemanha. Um conto de inverno* (2011), há interesse em se resgatar esse fino ironista, de linguagem tão moderna. Que, com mais essa empreitada bem sucedida, possa-se terminar, assim como se começou, com Eichendorff (*Allgemeines Wandern*): *Nun geht das Wandern an!*. “Agora começa a caminhada!” Mãos à obra, tradutores!

Recebido em 20/03/2015

Aceito em 23/03/2015